

Diversão & Arte

» PEDRO IBARRA

Em 1995, o público enchia os olhos ao entrar no cinema para assistir pela primeira vez uma animação completamente em três dimensões. *Toy Story* marcou a história do gênero e o coração de milhões de pessoas pelo mundo com a narrativa da dupla Woody e Buzz, um cowboy e um patrulheiro espacial. As idas e vindas da amizade dos dois bonecos perduraram por quatro filmes, até 2019. Porém, este ano, a história que fez o menino Andy comprar o boneco Buzz Lightyear chega aos cinemas trazendo nuances do personagem jamais vistas pelo público que já o ama.

“Tenho uma relação com *Toy Story* que começou quando eu era moleque e terminei agora assistindo como um pai de três filhos”, conta Marcos Mion, responsável por assumir, e com qualidade, a voz do Buzz humano. O ator, dublador e apresentador se sente honrado em ser escolhido para um papel tão icônico e entende a responsabilidade que isso traz. “É muito louco pensar que uma geraçãozinha que está vindo aí vai estar se apaixonando por um Buzz que tem a minha voz”, exalta.

No entanto, ele faz questão de pontuar que essa é uma nova história, e não trata do boneco, mas, sim, mostra a história espacial que fez o personagem se tornar um boneco popular no mundo do Andy. “Ele não ia falar espanhol, não ia ser Dona Marcos. É um homem vivendo dramas humanos”, explica a voz brasileira do protagonista. “Faz parte dos tempos que vivemos, humanizar. A vulnerabilidade é um

superpoder. Os grandes heróis são vulneráveis e o Buzz nunca foi vulnerável, ele sempre foi o patrulheiro espacial autoconfiante e pronto para fazer tudo e salvar o dia”, reflete Mion. “Mostrá-lo com humanidade, apresentar a primeira queda de grandeza do personagem, é muito ousado, moderno e atual”, completa.

“O filme faz você lembrar porque a gente se apaixonou pelo Buzz”, diz Thiago Longo, diretor da dublagem brasileira do longa. O profissional é apaixonado desde os 7 anos pela franquia *Toy Story* e reassistiu tudo para trazer o melhor possível no trabalho do novo filme. “Eu queria que as pessoas fossem assistir o filme e encontrassem referências de *Toy Story*”, conta. E lá estão algumas delas: desde os cones de *Toy Story 2* até as citações às falas do protagonista, quando popularizado como um boneco.

O ator dublador César Marchetti é uma das novidades que o longa traz com o carismático gato Sox. Ele diz que quando pôde contar para família, viu o sobrinho e a afilhada incrédulos que teriam um parente em uma das franquias que mais gostavam nos cinemas. Os dois viveram todos os *Toy Story* e agora querem ir ao cinema ouvir uma voz conhecida. “É a responsabilidade com uma geração que cresceu com esse personagem em *Toy Story*”, aponta Marchetti.

“É um daqueles momentos muito únicos, que você quer que cada segundo dure uma hora. Fui abençoado de dizer para os meus filhos: ‘Sabe o Buzz? O papai vai fazer a voz dele!’”, lembra Mion sobre a possibilidade de dividir essa conquista com a família. Lightyear que já havia chegado ao infinito, agora vai tentar ir além.

CRÍTICA // LIGHTYEAR ★★★★★

Uma nova segunda chance

» RICARDO DAEHN

Ejetar é a palavra de ordem, no cinema atual, quando o assunto é filme de desbravamento do espaço aéreo e de franquia cinematográfica: bem como em *Top Gun: Maverick*, ciclos de imprevistos e ações baseadas em preciso treinamento de novos personagens, levam o protagonista patrulheiro “ao infinito, e além”. Nos

filmes futuristas, viagens constantes (sob efeitos da dilatação do tempo) e a busca de cristal que sirva de combustível sideral não chegam a ser novidade, mas *Lightyear* carrega o peso da responsabilidade de ter afetado o destino de uma tripulação contada às centenas. E quer reajustar um tremendo erro.

Desfazendo certezas e fragilizando, o protagonista

segue cheio de autonomia, mas, na aventura (na qual vive dentro de um filme que afetou o personagem Andy, visto em *Toy Story*), ele aprende a valorizar o convívio com recusas espaciais e cede ao poder da tecnologia, num cenário em que pesa a desconfiança em pilotos automáticos, e ainda apinhado pela ameaça de robôs alienígenas que pretendem controlar o universo. Mudanças de

curso se efetivam na vida de Lightyear; algumas singelas como ressignificar a montagem de um sanduíche clássico e, mesmo o espectador é convidado a abraçar, com naturalidade, a diversidade sexual inserida numa animação Disney/ Pixar.

Entre quebras de protocolos e a percepção da própria solidão, *Lightyear*, para além de enfrentar a maldade do inimigo Zurg, traz muitas reconsiderações na vida. Dos recomeços dele, o mais interessante traz o apego com o robótico gato de fala mecânica Sox, pronto para roubar cada cena. Se há uma lacuna no filme é o de pouco preencher as influências junto a Andy (*Toy Story*).

“É um daqueles momentos muito únicos, que você quer que cada segundo dure uma hora. Fui abençoado de dizer para os meus filhos: ‘Sabe o Buzz? O papai vai fazer a voz dele!’”, lembra Mion sobre a possibilidade de dividir essa conquista com a família. Lightyear que já havia chegado ao infinito, agora vai tentar ir além.

Entre quebras de protocolos e a percepção da própria solidão, Lightyear, para além de enfrentar a maldade do inimigo Zurg, traz muitas reconsiderações na vida. Dos recomenços dele, o mais interessante traz o apego com o robótico gato de fala mecânica Sox, pronto para roubar cada cena. Se há uma lacuna no filme é o de pouco preencher as influências junto a Andy (*Toy Story*).

Rede de intrigas

Outras estreias

De Maria Augusta Ramos.
Exame da operação Lava Jato que, posta na berlinda, ameaça o já instável cenário do governo de Jair Bolsonaro.